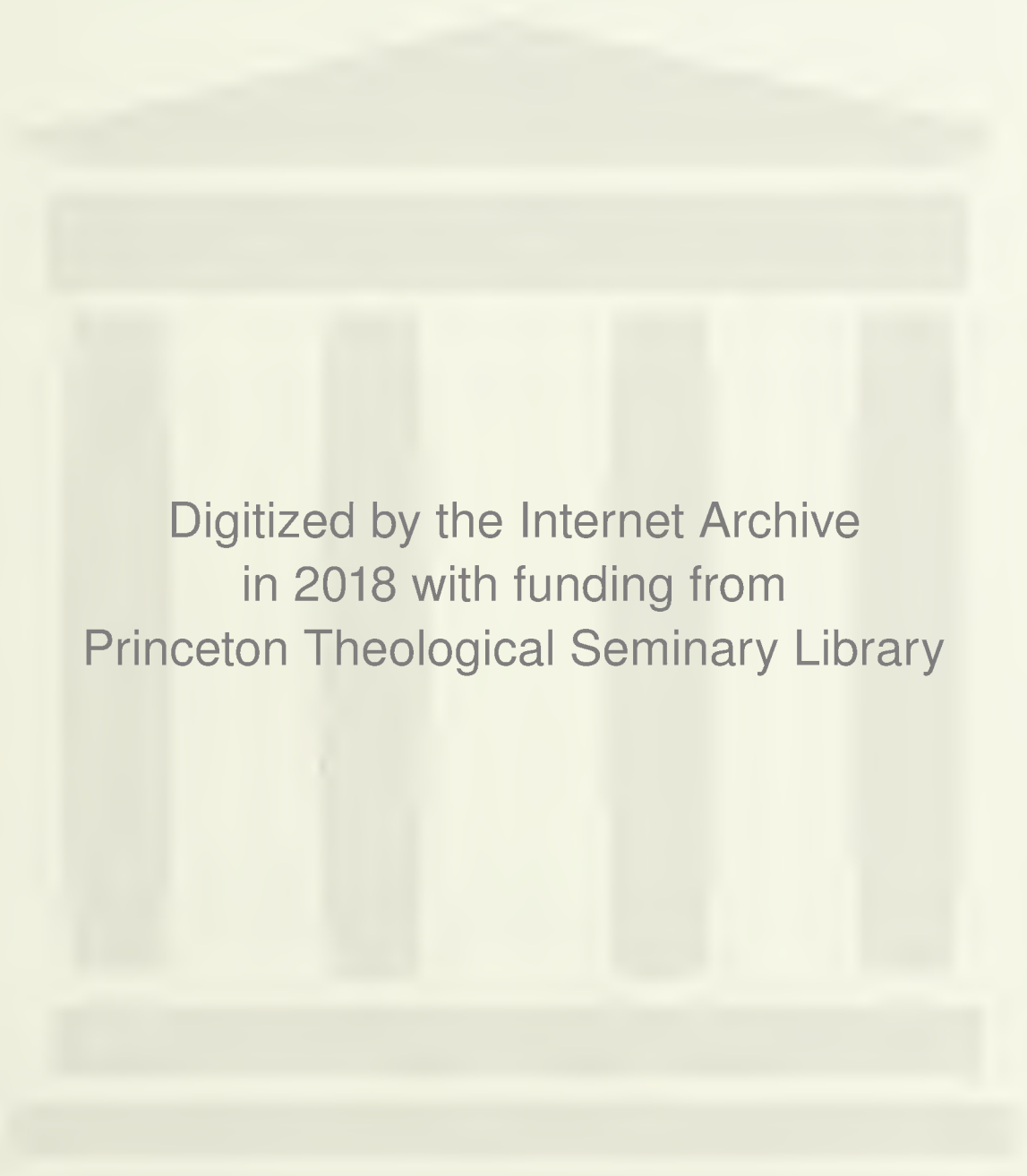


LIBRARY OF PRINCETON
FEB 20 2007
ENTOMOLOGICAL SEMINARY



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

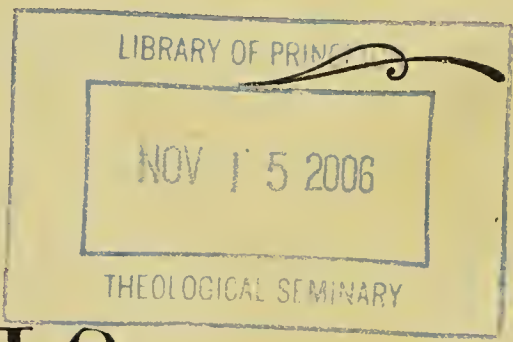
No. 1 unavaliada

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

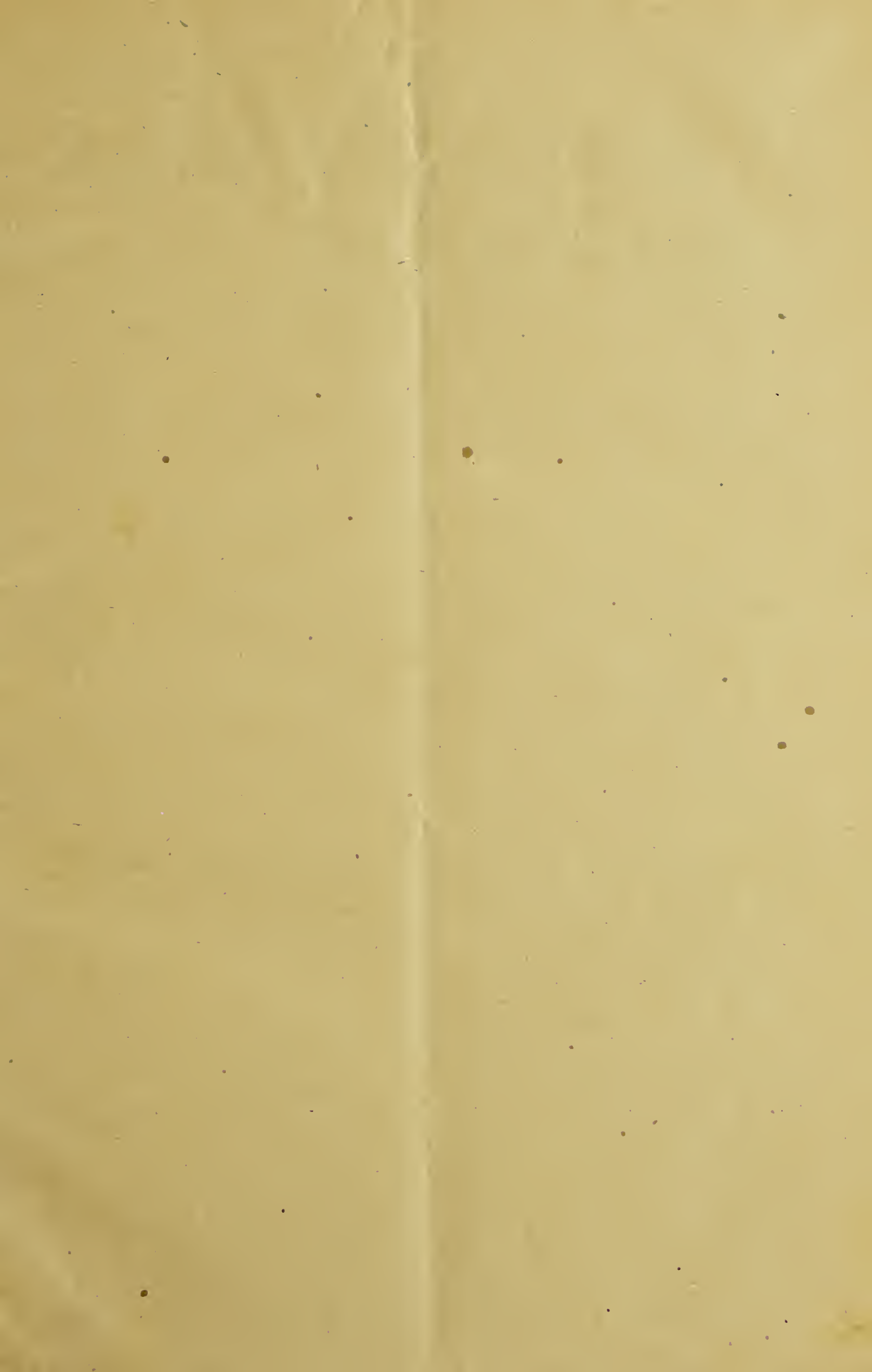
FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

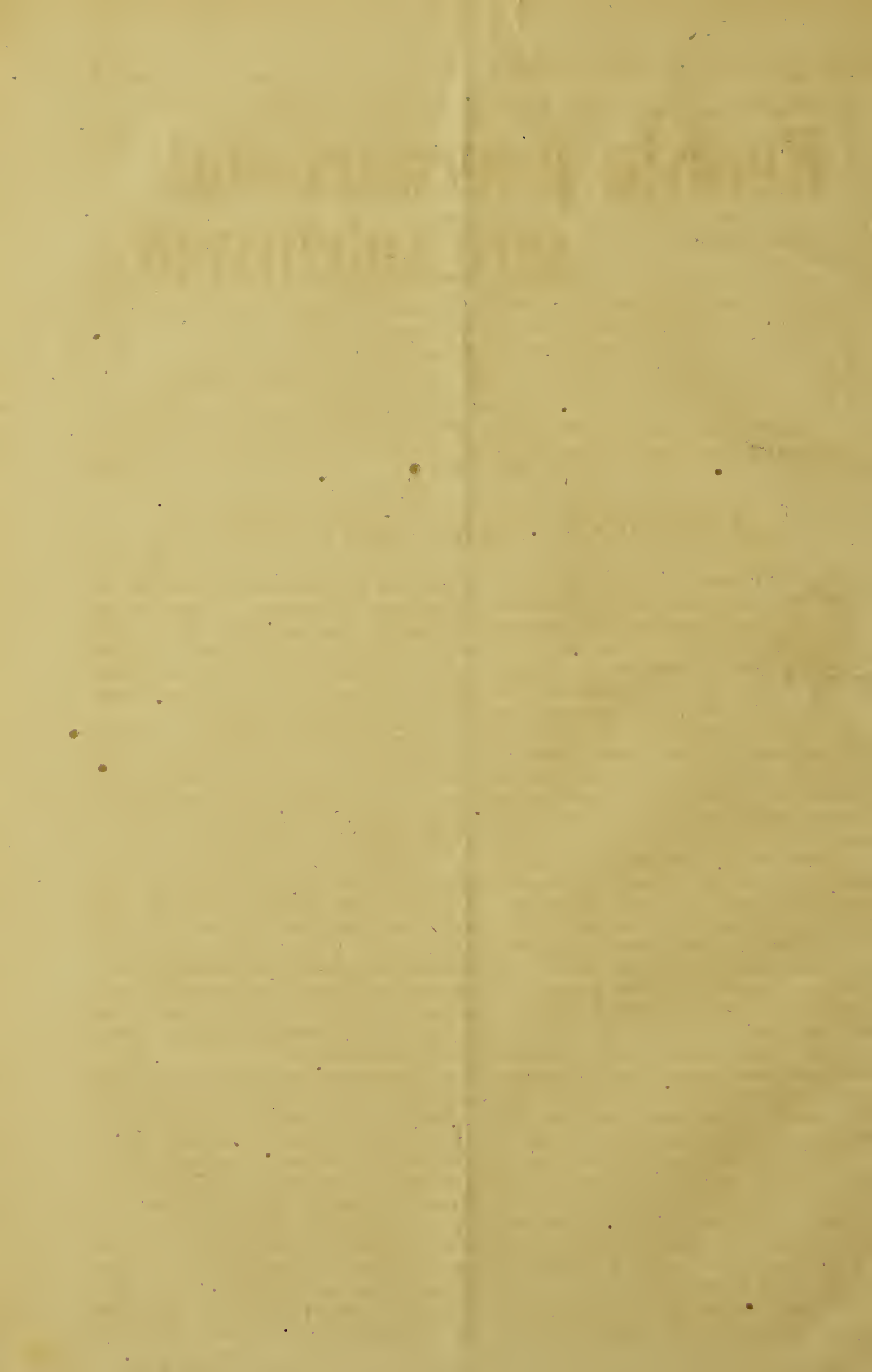
FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL



SUMÁRIO

| | |
|--|--------------------------------|
| Abrindo mais um ciclo | <i>Redação</i> |
| Da «Visão Panorâmica» ou «Memória Sintética» na iminência da morte | <i>Prof. Ernesto Bozzano</i> |
| Mais um caso | <i>Francisco Klörs Werneck</i> |
| Um Espírito Através do Cosmo | <i>Leopoldo Machado</i> |
| Conversão | <i>Antenor Ramos</i> |
| Espíritos que se Materializam | <i>James Oram</i> |
| A Concordância no Ensino | <i>J. B. Chagas</i> |
| Praticando o Espiritismo | <i>J. Lima</i> |
| Relance Filosófico | <i>De «Além»</i> |
| Crônica Estrangeira | <i>Redação</i> |
| Espiritismo no Brasil | <i>Redação</i> |





Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

Abrindo mais um ciclo



Espiritismo está em marcha triunfante, e se até aqui ninguém lhe pode embargar a marcha, daqui para a frente, depois de ter êle transposto as barreiras do preconceito

e do orgulho e frustrado as arremetidas de seus intransigentes opositores, quem lha poderá embargar? — Certamente que ninguém, por muito sábio e poderoso que se julgue o homem.

Mas, aonde foi buscar o Espiritismo essa força singular, profundamente silenciosa, que tudo vence, levando de roldão todos aqueles que, por ignorância ou deliberadamente procuram obstar-lhe a marcha? — A resposta é uma só: — Nos factos demonstrativos da existência e imortalidade da alma.

Se o Espiritismo não se estribasse em tais factos, que se avolumam cada vez mais, de maneira tão interessante quão maravilhosa, êle não passaria de mais uma seita religiosa e, como tal, ninguém lucraria com o seu advento, porque de seitas religiosas o mundo anda cheio, sem no entanto conseguir o homem sair daquela rotina que tanto lhe tem impedido o progresso moral e espiritual na senda da Perfeição:

Com o estudo de tais factos, que importa no estudo do nosso próprio

espírito e de tudo o que com êle se relaciona, chegamos a saber o que realmente nos interessa fazer nesta vida, afim de conseguirmos alguma cousa de substancial que nos torne felizes agora e depois de abandonarmos o arcabouço material.

Alicerçado nos factos, o Espiritismo avança abrindo novas e promissoras perspectivas à ciência, à filosofia e à religião, que representam, respectivamente, a divina trilogia — Fé, Esperança e Caridade.

No Brasil, de norte a sul, o Espiritismo está em marcha triunfante. O número de adeptos aumenta cada vez mais, adeptos de todas as classes sociais, o que vem confirmar a opinião do eminente professor catedrático italiano, Dr. Ernesto Bozzano, segundo a qual o Brasil marcha na vanguarda de todas as nações no terreno espiritualista.

Efetivamente, até mesmo nos mais afastados lugarejos existem centros espíritas. Os espíritas brasileiros não só estudam como discutem pontos doutrinários na ansia incontida de aprofundar a Verdade, praticando ao mesmo tempo os preceitos evangélicos, fundando Sanatórios para doentes e obsessados, albergues noturnos, orfanatos, etc. E enquanto isso, a propaganda se faz por todos os meios possíveis: pelo rádio, pela imprensa, por conferências e avulsos, notando-

se não só o esforço decidido de agrupamentos como também o esforço individual, o que constitui sinal característico de que a doutrina está sendo muito bem compreendida pelos seus profíctos.

Foi justamente para estudar todos os factos e fenômenos anímicos e espíritas e propagar o Espiritismo, que êste magazine surgiu na arena da imprensa espírita, a fim de esclarecer os incientes e ampliar a fé daqueles que se interessam pelas questões psíquicas, certos de que na solução de tais questões encontrarão a Verdade, apanágio dos sêres superiores.

Alegra-nos o facto de que a doutrina espírita vem ocupando a atenção de muitas personalidades de evidência no cenário terreno, dado o modo por que os fenômenos se reproduzem, com intensidade sempre crescente. Até os seus mais obstinados opositores acabam se rendendo à evidência, e isto porque *contra factos não subsistem argumentos*.

Temos nos esforçado por trazer os nossos prezados leitores ao par dos factos mais importantes verificados no mundo todo, bem como do movimento espírita em geral.

Durante o ano que se findou, publicámos escritos substanciosos, de escritores estrangeiros e nacionais, buscando aqui e ali factos comprobativos da sobrevivência, ocorrências e notícias de interesse para os estudiosos.

Esperamos que num futuro muito próximo possamos relatar, em abundância, factos interessantíssimos. E a êste respeito recordamos que depois da Grande Guerra (1914-1918)

surgiram factos que revolucionaram os meios científicos, filosóficos e religiosos, factos de ordem psíquica e que se acham arquivados nas coleções desta Revista.

Com o presente número entramos no vigéssimo ano de existência. Mais um ciclo, portanto, se inicia no imenso labor desta Revista, em prol da Verdade. Sentimo-nos com a consciência tranquila e satisfeitos por termos empenhado todas nossas possibilidades no cumprimento de tão árdua mas gloriosa tarefa. E esta tarefa teve o auxílio decidido e desinteressado dos nossos distintos colaboradores, subscritores, auxiliares e dos caros espíritos que, sempre solícitos, nos têm amparado de maneira quasi visível. Sem êsse auxílio, que é tudo, o nosso trabalho seria como um grão de areia em imenso deserto.

E' nosso desejo melhorar a parte material desta Revista, e isso faremos com a melhor boa vontade logo que nos seja possível, isto é, que normalizada a situação internacional, possamos adquirir papel e outros materiais a preços razoáveis. Não queremos sobrecarregar os nossos subscritores e também não podemos fazer mais do que temos feito, porque temos dado tudo pelo ideal. Ajustaremos os interesses de ambas as partes até que a situação se estabeleça, nos proporcionando melhores oportunidades.

Ao terminar êste ligeiro escrito, agradecemos com todas as nossas forças aos caros Amigos do Além, colaboradores, subscritores, auxiliares, a todos aqueles, enfim, que directa ou indirectamente prestaram o seu indispensável concurso à manutenção e prosperidade desta Revista.

A verdadeira grandeza do homem consiste na consciência de um objetivo honesto na sua vida. Funda-se êste sentimento na justa apreciação de si próprio, no frequente exame de consciência e na firme obediência a uma regra a si mesmo imposta. Ensina-nos a experiência que não somos senão aquilo que nos fazemos. Todo o homem cunha sobre si o seu próprio valor; eis porque somos grandes ou pequenos conforme a nossa vontade. Esforçamo-nos por ser honestos, bons, leais, e pouco a pouco nos tornamos realmente aquilo que almejamos ser; o que a princípio nos parecia difícil dia por dia se torna mais fácil de praticar.

A atividade, a retidão, a benevolência e a temperança crescem com o uso, e aquilo que em tempo se cumpria por um esforço se torna natural e comum. Assim, pode o homem tornar-se generoso, justo, simpático e magnânimo, — delicado, cortês, tolerante e cavalheiro.

Samuel Smiles.

Da «Visão Panorâmica» ou «Memória Sintética» na iminência da morte

Prof. Ernesto Bozzano

«La Revue Spirite»

(Conclusão)

Um outro sensitivo, que experimentou esse mesmo sentimento da imanência em Deus, foi Vincent Turvey, autor do livro «The Beginnings of Seership.» Achando-se enfêrmo, a caminho para a tuberculose, quis êle reunir, a serviço de futuros investigadores, o fruto de suas experiências pessoais, na qualidade de sensitivo clarividente. Numa carta ao prof. Hyslop, dizia êle :

«Começo a persuadir-me que todos nós participamos, mais ou menos, de um Oceano de Consciência universal e que cada turbilhão (*Vórtice*) nêsse oceano onde todos nós estamos imergidos, pode, por vezes, concientemente ou inconcientemente, perder contacto ou mesmo misturar-se com todos os outros «turbilhões» semelhantes a êle. Em apôio do que afirmo, eu vos declaro que efetivamente tive a prova da realidade de semelhante condição do sêr humano. Então eu havia perdido todo o sentimento da individualidade, e não sómente tive a sensação de ser um «*vórtice*» no grande Oceano da Consciência universal, mas senti ainda que eu era todos os outros «*vórtices*» (ou individualidades humanas) passadas, presentes e futuras, que haviam existido ou que existiam nêsse Oceano.» (Journal of the American S. P. R., 1912, p. 509.

Para todo aquele que não passou pela experiência acima descrita, torna-se assás árduo conceber em que consiste esse sentido da imanência em Deus, ou, para dizer de outro modo, da «Consciência cósmica». Do ponto de vista filosófico, e duma lógica rigorosa e que direi quasi inevitável, é conceber tal finalidade para o espírito humano. E a teologia, a mais remota na civilização dos povos, — a do Budismo — ensina-o sempre pela doutrina do Nirvana, doutrina que, para muitos, significa, de modo errôneo, a extinção da consciência individual, enquanto que em realida-

de ela prescreve que a meta final do sêr é a assimilação em Deus, ainda que a consciência do sêr permaneça intangível, mas afi seja elevada a proporções incomensuráveis. E' bem isto que haviam intuitivamente descoberto Tennyson e Turvey. Do que resulta que para a lei da analogia, dever-se-ia concluir que o Microcosmo-Homem, reintegrando-se no Macrocosmo-Deus, concorreria, por uma medida infinitesimal, para constituir o Sêr Infinito e participaria, de modo não menos infinitesimal, de Sua natureza, ainda que seja conservada a consciência do sêr. Assim e pelo mesmo modo, milhares de células compõem o organismo humano e concorrem a título infinitesimal, para constituir a personalidade físico-psíquica, participando de sua natureza pela mesma proporção infinitesimal, conservando perfeitamente intacta a individualidade que lhe é própria.

Como quer que seja, não mais insistiremos sôbre essas especulações filosóficas, de caráter inconcebível para a mentalidade humana (salvo os raros casos de intuição nos videntes, de que falei). De preferência faremos observar como os exemplos acima expostos ratificam o que foi dito sôbre o assunto, a saber: que a característica da «simultaneidade», em oposição da «sucessão», — nas rememorações figurativas da «visão panorâmica» — é também a característica de todas as faculdades supranormais existentes na subconsciência. Assim sendo, lícito é disso deduzir que essa mesma característica, — tanto para as funções da memória como para o processus da formação de idéias, a transmissão do pensamento à distância, a translação no espaço, ou ainda para o sentimento da imanência em Deus, — constitue a modalidade essencial pela qual se exercem as faculdades espirituais no ambiente espiritual.

Uma perspectiva tão maravilho-

sa sôbre a existência de ultra-tumba foi esclarecida no espírito profundamente filosófico de Frederico Amiel, por ocasiã da revivescência brusca duma recordação de sua infância, que êle esquecera durante quarenta anos.

Nossa consciência, diz êle, é pois um livro cujas folhas viradas para a vida se cobrem e se mascaram sucessivamente, a despeito de sua semi-transparência; mas ainda que o livro houvesse sido aberto na página do presente, o vento pode tornar a pôr (levar) durante alguns segundos, as primeiras páginas diante do olhar. Será que por ocasião da morte as folhas cessarão de recobrir-se, e todos nós veremos todo o nosso passado ao mesmo tempo? Será esta a passagem do sucessivo ao simultâneo, quer dizer, do tempo á eternidade? Compreenderemos, então, em sua unidade, o poema ou o episódio misterioso de nossa existência, até então soletrado frase por frase? Será esta a causa dessa glória que tão a miúde envolve a fronte e o rosto dos que estão a morrer? Haverá nesse caso, analogia com a chegada do viajor ao cimo de um grande monte, donde se desdobra diante dele toda a configuração duma região percebida antes às furtadelas? Pairar sôbre a própria história, e advinhar o sentido no concerto universal e no plano divino, será isto o começo da felicidade. Até então, estava se sacrificado à lei (ordre); agora saboreia-se a beleza da lei. Padeceu-se sob o regente de orquestra; tornar-se-á ouvinte surpreso e encantado. Apenas se pode perceber seu pequeno carreiro no nevoeiro; um panorama maravilhoso de perspectivas imensas de súbito se desenrolará diante do olhar deslumbrado. Porque não?» (Henri-Frédéric Amiel, *Fragmentos d'un jornal íntimo*.)

Desejando resumir em um parágrafo final o que vem de ser exposto, diremos que si, em atenção às manifestações da «visão panorâmica», os fisiologistas e psicólogos se houvessem limitado a afirmar a correlação incontestável, pelas leis de equivalência, entre as atividades opostas, morfológica e psíquica (na significação de uma *correspondência* paralela, e não de uma *conversão absoluta*), —

ninguém teria pensado contradizê-los. Mas êles pretenderam que suas induções «sôbre a rapidez da circulação cerebral» ou «sôbre a regressão da memória na histeria», eram provas suficientes para explicar, fisiologicamente e psicologicamente, os factos, sem que restassem, na esperança de uma solução, questões de uma outra natureza. Temos o dever de reconhecer, que assim apresentadas, suas presunções eram parcialmente justificáveis, no sentido de ainda não terem conhecido a existência da fenomenologia metapsíquica, a única capaz de lançar a luz nos enígmata da psicofisiologia. Isso não impede que seu ponto de vista, nos dias em que vivemos, apareça demasiadamente estreito e deficiente, incapaz de satisfazer a quem quer que seja. Como quer que se pense nisto, é um facto que, quando se estuda os fenómenos em questão em suas multiformes modalidades de manifestação, quando se os considera em suas relações com o grupo de faculdades supranormais existentes na subconsciência, e se faz um inventário da característica essencial da «visão panorâmica» —, isto é, a «simultaneidade», em oposição à «sucessão» na percepção dos estados de consciência, — e também, sob formas diversas, a característica de todas as modalidades de exteriorização das faculdades supranormais subconcientes, ENTÃO, somos inevitavelmente conduzidos a concluir que a «visão panorâmica», como reveladora da existência subconciente duma «memória sintética», pertence a seu turno ao grupo das manifestações supranormais subconcientes.

Tais conclusões, combinadas com o facto de ser a «memória sintética» de uma natureza «permanente», indicam que sua séde não pode ser encontrado na substância, por excelência mutável, dos centros corticais, mas que se deve seguir suas pègadas em «alguma cousa» que seja *permanente*, exterior a êsses mesmos centros, ainda que por natureza intimamente ligada a êles.

Ora, esta indução, logicamente necessária, conduz a admitir a existência de um «corpo etérico», sede natural das faculdades supranormais

subconcientes; e a existência dum «corpo etérico» havia já sido demonstrada com o apôio dos fenômenos de «exteriorização da sensibilidade», da «autoscopia interna», da «bilocação e do desdobramento fluídico» no leito de morte. Temos visto como estas conclusões tornaram-se suscetíveis de serem dedutivamente legitimadas, como o demonstraram Bergson e o doutor Geley. Por outra parte, temos constatado, que a tése por êstes sustentada, era admiravelmente confirmada, também ela, pelas percepções autoscópicas dos sujeitos sonambúlicos.

Fica, assim, estabelecido que a «memória sintética», donde derivam os fenômenos da «visão panorâmica», pertence ao grupo das faculdades espirituais inerentes à subconsciência humana, faculdades que, lá, existem preformadas, em estado latente, na expectativa do instante em que surgirão e hão de começar a se exercer no meio espiritual, do mesmo modo que em embrião, existem preformadas e em estado latente, as faculdades de sentido terrestre, à espera do instante no que surgirão e hão de começar a exercer-se no meio terrestre.

MAIS UM CASO...

Francisco Klörs Werneck



ISSE, não há muito, certa entidade espiritual que os fenômenos espíritos se iriam produzir nos meios profanos, com tal intensidade, que cépticos e materialistas se veriam forçados a aceitar sua evidência.

O caso, que vou narrar e no qual tomei parte, parece bem demonstrar que êsse dia não está longe, embora o seu protagonista principal não seja, nem céptico nem materialista, mas um crente de Deus.

Vamos ao caso.

Certo dia, indo, como de hábito, à séde da Liga Espírita do Brasil, para atender ao meu expediente, fui informado de que um senhor uruguaio desejava falar com um dos diretores e, como sou ali, uma espécie de Ministro das Relações Exteriores, fui ver o que êle desejava.

Disse-me êle chamar-se Julio Cesar De Simoni, ser filho de carioca e neto do Dr. Vicente De Simoni, médico da família imperial do Brasil e um dos fundadores da nossa Faculdade de Medicina. E contou que viera fazer uma estação de águas no Brasil e que, em Poços de Caldas, tivera ocasião de assistir a uma sessão espírita, coisa que despertara nêlle certo interêsse e curiosidade. Queria, então, ver se obtinha alguma no-

tícia sôbre o seu neto Miguelsinho, cujo desincarne há 5 anos e em trágicas circunstâncias, causara tal abalo na família que a mãe do menino precisára ser internada em um sanatório. Pedia-me, porisso, já que estava de partida para São Paulo, de onde seguiria para Montevidéo, que o apresentasse o um diretor de centro espírita daquela cidade, a quem exporia o seu desejo íntimo.

Se bem nenhuma apresentação fôsse precisa, pois, em qualquer centro, seria o Snr. De Simoni atendido com a melhor boa vontade, dei-lhe a carta de apresentação para o Centro Espírita «Paz, Amor e Caridade», à Rua Martim Afonso n.º 204, São Paulo, cujo presidente e demais membros, por honrosa deferência, me fizeram seu sócio benemérito.

Dias depois me escrevia de São Paulo, dizendo já ter estado com o presidente do referido centro, Snr. João Augusto Ferreira, e que seguiria rumo à sua pátria, mas sem nada me contar sôbre o assunto que o interessava.

Eis senão que recebo de Montevidéo, com data de 8 de Outubro, a seguinte carta do Snr. Julio Cesar De Simoni, cujo trecho principal com a devida permissão, transcrevo abaixo, na própria língua original:

Escreve o Snr. De Simoni:

«Tuvo el gran placer de assistir a

una sesión espírita em São Paulo, habiendo sido muy bien atendido por su recomendado. En dicha sesión me fue anunciado por una médium que Luiza Abreu de Andrade mandaba decir que prontendría noticias de mi nietito Miguelito Rossini fallecido tragicamente. Igualmente me confirmó esta noticia el Presidente de la mesa. Veinte días después estando durmiendo profundamente (sueño normal) en la ciudad de Rivera unida à la ciudad de Sant'Ana do Livramento (en la frontera), fui despertado por un fluido repentinamente à las 3 de la mañana, sentandome en el leito sorprendido y sin poder hablar. En los piés del leito se me apareció mi nietito vestido con una camisola blanca casi incolora, con algo en las manos que no pude distinguir, la cara semi confusa y una aureola sobre la cabeza. Mi Señora me preguntou lo que me pasaba al verme con mirada fija hacia esa dirección, cayendo des-

pues en el leito alertargado e despues de un rato pude contarle a mi Señora lo que me habia pasado y lo que habia visto. Ante un hecho tan extraordinario me permito ponerlo en su conocimiento pues esa aparición era una realidad y no una alucinación? Que opina el Señor?»

Eis o caso, sem mais comentários. Naturalmente, porém, que dei ao Snr. Julio Cesar De Simoni a necessária explicação. Que os que o lerem, o julguem como quiserem. Para nós, foi uma visão verdadeira, que só se podia produzir numa situação especial, já que o Snr. De Simoni não tinha poderes para vê-lo de outra forma.

O facto é que o nosso amigo ficou muito interessado pelo Espiritismo e, breve, o teremos como um dos mais sinceros crentes da nossa Doutrina.

Rio de Janeiro, 12-12-43.

Um Espírito Através do Cosmo

*(OBRA MEDIÚNICA DE CASTRO LOPES) *

Apresentação

O manuscrito, posto em letra nervosa, mas clara, recebemô-lo das mãos de Oscar Coelho dos Santos, residente em Belo-Horizonte.

Deu-nô-lo o distinto confrade e amigo no Rio, depois de dar-nos a honra de sua presença à conferência que havíamos proferido da tribuna da Federação Espírita Brasileira.

* * *

E, com os originaes, o cartão que os acompanhou, de quem lhos enviara, que dizia assim:

«Oscar: *A Pluralidade dos Mundos*, que te confio, é luz que tem sido oculta até hoje, nem sei porque.

Recebida num grupo já extinto, de Niterói, em 1911, do qual fez parte José Liberato dos Santos, se achava entre vários papeis velhos, num arquivo abandonado, de sua propriedade. Ofecendo-me êstes originaes, Liberato demonstrou o desejo de vê-los editados, revertendo seu produto em benefício de uma instituição de caridade, seja qual fôr.

Mostra-a a alguns de teus amigos, trabalhadores da DOCTRINA, como seja ao Leopoldo Machado, que ficarei também contente em ver aproveitado como deve, êste verdadeiro presente do Céu.

Teu irmão e amigo, Columbano Santos.

Capivarí, 14.10.1942».

* * *

E o Oscar Coelho dos Santos fez questão de prevenir, claramente:

— Leia, que, se valer a pena, publicaremos em benefício do ABRIGO JESUS e do LAR DE JESUS, pois não?

* * *

Estavamos, então, atarefadissimo. Mal nos sobrou algum tempo, fo-

mos, desconfiado e displicente, ao manuscrito...

Uma obra mediúnica, assinada por um grande espírito — Castro Lopes — e recebida num grupo e por *médium* desconhecidos, com tamanho título... Só mesmo com reservas e cautelas poderia ser lida. E julgada se deveria ou não interessar o público.

* * *

Termináramos sua leitura muito bem impressionado. E cômico de que muito se lucrará com sua leitura. Leitura atraente, sugestiva, proveitosa. Instrue e ilumina. Sua feição astronômica agrada e desperta curiosidades. Fantasias, será? Póde ser. Mas, porque não póde ser, também, verdade? Assim, dado haja razões para julgar suas descrições astronômicas, mentirosas; razões maiores haverá, certamente, para acreditá-las como verdades. Verdades, porque não contrariam o Evangelho, não fogem da moral, não forçam a possibilidade, não contrariam, naturalmente, os planos astronômicos...

* * *

O título que lhe dá o espírito — PLURALIDADE DOS MUNDOS — não nos afigurou o mais amoldável à obra, de vez que se trata de poucos mundos estudados. E a partícula designativa *-dos-* ajustada a *mundos*, generaliza muito.

Afigurou-se-nos, sem querer corrigir e colaborar com o autor, que a designação, UM ESPÍRITO ATRAVÉS DO COSMOS...

Que dirão a isto o Oscar, o Columbano e o Liberato?

E, principalmente, o grande público?

* * *

Se o nome do *médium*, que recebeu a obra, escapou-se-nos, o do espírito é dos mais conhecidos de quem, no Brasil, dispõe de dois dedos de cultura literária e de alguns centímetros de conhecimento da história do Espiritismo entre nós...

Antonio de Castro Lopes foi nome dos mais em evidência nas letras pátrias. De talento onímico, e polígrafo, deixou em vários setôres de atividades intelectuais, traços profundíssimos de sua passagem luminosa...

Foi médico, professor, literato, jornalista, orador.

Foi da corrente dos grandes pioneiros do Espiritismo entre nós.

Foi dos espiritistas da época em que o Espiritismo impressionou, entre nós, os figurões da política e da ciência, dos jornalismo e das letras.

Póde caber-lhe a glória de ser sucessor de quem fundou o primeiro núcleo espiritista no Rio de Janeiro: o grande e folclorista, Melo Moraes.

* * *

Castro Lopes formou-se em medicina em 1848.

No ano mesmo em que se registravam os fenômenos das Irmãs Fox, em Hydesville.

Aderiu à corrente homeopática em formação no Brasil, formando com Dias da Cruz e Bezerra de Menezes a primeira trindade luzidia da nova medicina no Brasil.

Professor, ascendeu, por concurso, à cadeira de latim do Colégio D. Pedro II, um ano depois de ter colado grau em medicina.

Filólogo, insurgiu-se contra a ortografia mista, contra os galicismos.

E usou uma ortografia só sua, originalíssima.

E arremeteu, impiedosamente, contra os galicismos que, para êle, deturpam tanto a língua. Para substituir alguns, dos mais empregados, criou muitos neologismos, que vão por aí, atualmente, com fóros de pura vernaculidade. *Convescote*, *lucivén*, *cardapio*, são provas disto. Escreveu até importante volume sobre o assunto: «*Galicismos dispensáveis e neologismos indispensáveis*».

Vale a pena salientar que encontrámos nesta obra alguns galicismos, que êle não os usaria, certamente. Mas, encontrámos, também, expressões e grafias muito dêle. A palavra *Deus*, e as terceiras pessoas do plural dos verbos no imperfeito do indicativo, exatamente como êle as grafava.

Como filólogo, escreveu mais um substancioso volume sobre o LUSIADES. E mais as obras, ESTUDOS FILOLÓGICOS E ORIGENS DOS ANEXINS.

Político, pertenceu à Secretaria da Fazenda e do Exterior. E foi deputado à Assembléia Provincial do Estado do Rio.

Jornalista, teve atuação marcante em O JORNAL DO COMERCIO, CORREIO MERCANTIL, GAZETA DE NOTÍCIAS,

afóra outros, e as folhas que editou por conta própria.

Humorista, escrevia com os pseudônimos de *Filógelus* e *Petrosculos*. Até fundou um jornal humorístico, chamado BAZAR VOLANTE.

Comediógrafo, compôs e fez representar uma infinidade de peças. Dentre elas, o «Compadre Suzano», «Três Graças», «Emancipação da Mulher», «Meu Marido Está Ministro»...

Poeta, deixou apreciável volume de poesias: RESSURREIÇÕES.

Espiritualista, escreveu, antes de aceitar o Espiritismo, uma tese ACÊRCA DA UTILIDADE DA DÔR.

Orador, empolgava. D. Pedro II ouvia-o com enlêvo e admiração.

Êste, o espírito que se apresenta, ou apresentam-no, como o autor das páginas que ides ler.

Êste, o espírito que proferiu no Rio, a segunda conferência espírita, pela ordem, mas a primeira em importância!

* * *

Como na França, o Espiritismo interessou, primeiro, no Brasil, a nata da sociedade. Nata social, cultural, artística.

Castro Alves se interessou pelo Espiritismo. José Bonifácio era dos mais constantes às sessões espíritas.

Existia já, ali por 1843, espiritismo no Brasil. Principalmente o terapêutico, de passes e águas homeopáticas.

Ainda não se falava em espiritismo, porque só cinco anos depois iriam aparecer os fenômenos de Hydesville e doze anos depois, o Codificador, e já existia no Rio quem — Bento Muri — dava passes tomado de espíritos, porque em transe mediúnico. E, assim procedendo, de tal modo se capacitava da altíssima função de curar espiritualmente, e de graça, que até a divisa — DEUS, CRISTO E CARIDADE — ainda hoje existente à fachada de muitas casas espíritas, criara para sua diretriz cristã-espiritística.

Castro Lopes foi dessa primeira fase.

E, porque o Espiritismo e a Homeopatia apareceram juntos no Brasil, Castro Lopes, e tantos outros, foram, simultaneamente, espiritista e homeopata.

* * *

Vale a pena frisar que o Espiritismo apareceu, entre nós, curando; homeopaticamente. Tratando, primeiro, da carcassa, para tratar, depois, do espírito.

Por isso mesmo que, ainda hoje, é a face que, talvez, mais interesse ao grande público. Mormente ao público privado, por falta de meios, de procurar médicos caros e medicamentos como os médicos.

Tão do agrado é tal face do Espiritismo, que até dentro de livrinhos de missa de beatas e na algibeira de reverendos já foram vistas receitas espíritas...

Os estudos e as conferências públicas, de espiritismo, vieram depois.

As conferências, inaugurou-as no Rio o Gal. Ewerton Quadros, em 1885

Fez a primeira, o grande e querido médico, dr. Dias da Cruz. Francisco de Menezes Dias da Cruz. Um retumbante sucesso! O mundo culto não regateou aplausos ao conferencista e à conferência.

Maior sucesso, o da segunda conferência. Proferiu-a dr. Castro Lopes, em dezembro do mesmo ano.

O orador, ainda mais querido e renomado.

Ainda rebôavam os ecos de sua última conferência científica, que proferira diante do Imperador, no INSTITUTO POLITÉCNICO.

Foi uma surpresa geral para o grande público, a notícia de que o ilustre médico, filólogo e orador iria fazer uma conferência espírita na sede da Federação Espírita Brasileira, recém-fundada.

Ambiente, pequenissimo para a enorme assistência!

Fôrça foi que o ilustre conferencista proferisse outro, em ambiente maior e profano, para conter formidável assistência: no salão amplo da *Guarda Velha*, à rua Senador Dantas...

* * *

É ao grande espírito que, ao lado de Ewerton Quadros e Dias da Cruz, de Melo Moraes e Bezerra de Menezes, foi dos primeiros a entregar-se, denodadamente, à propaganda da DOUTRINA, que se atribue êste volume.

É dêle? Não é dêle?

Conhecida que foi a natureza da ár-

vore, que o leitor inteligente julgue o fruto, depois de saboreiá-lo.

A árvore humana foi o que aí se viu, embora a traços rápidos e pálidos.

Agora, é só experimentar o fruto que se diz êle nô-lo mandara da Espiritualidade.

Então, conhecida a árvore e saboreiado o fruto, o leitor dirá se póde ou não póde ser...

Leopoldo Machado.

Nova-Iguassú, 3. XII. 1942.

Antenor
Ramos



Conversão



(Para «*Revista Internacional do Espiritismo*»)

Segundo a etimologia do termo, «conversão» é «s. f. mudança para melhor. Transformação. Mudança de uma religião para outra, reputada melhor. O ato de converter. Volta. Mudança de opinião».

— Como se depreende, é um ato que requer da parte do executor plena clareza de consciência. Ninguém póde fazer um confronto daquilo que possui para abandonar ou permutar por outra melhor, sem que nêle prevaleça o fator reflexão e inteligência.

— Dessa forma, a conversão não é cousa adiável ou sucetível de se pôr em prática em determinado tempo.

Em qualquer época, portanto, em que se estudem as religiões, poder-se-á opinar por uma ou por outra.

Êste nosso argumento surge à baila em virtude desta publicação:

« CONVERTER-ME-EI DEPOIS

A frase é muito comum, mas também perigosa.

Como se pode contar sôbre o dia de amanhã, sôbre a velhice, sôbre uma vida longa, quando estas cousas são muito incertas?

Poder-se-ia dalgum modo tolerar se o dano pudesse ser remediado: mas quem não sabe que a

divina condenação não será nunca mais mudada?

Dizer: «Converte-me-ei depois» é loucura e impiedade».

Efetivamente a frase é muito comum e até mesmo perigosa, como perigoso é tudo aquilo que contribue para a interceptação do progresso espiritual humano.

A questão de se odiar a legítima compreensão dos desígnios de Deus, constitue dolorosa indolência.

Há nessa publicação algo a se expurgar porque ela não é propriamente de origem espírita. Êsse expurgo refere-se ao que diz êste tópico: «a condenação divina não será mudada nunca mais».

Deus não é nenhum cangaceiro. E' amor, é Bondade infinitas.

Todos os espíritos retardatários no progresso ou recalcitrantes na observação das leis, sofrerão mais, está visto. Isto, em virtude das circunstâncias por êles próprios criadas, com o seu relativo livre arbítrio.

O Pai não quer perder uma única das suas ovelhas, está escrito.

... «Qual de vós porventura é o homem que, se seu filho lhe pedir um pão lhe dará uma pedra? Ou porventura se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente?»

— Pois se vós outros, sen-

do maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lho pedirem» (Mat. 7 : 7 a 11).

Todas as lições são de amor e não de ameaças. Portanto, ninguém cõgite de adiar a sua conversão. Converter é conhecer todas essas maravilhas em toda sua plenitude. E' manter íntegra a tradição de respeito e de veneração aos Evangelhos do Senhor, a-fim-de não nos exacerbarmos nos ânimos partidários das cousas terrenas, buscando a unidade do sentimento na uniformidade do amor, cõncios de que um único é o Pai, e um único o Mestre, e de que ambos nos amam na plenitude da sua graça. E, destarte, criaremos uma espe-

rança superior no santuário intangível de nossa própria consciência, a qual jamais poderá ser desfeita pelas teorias paupérrimas dos homens, que preferem repousar nos triunfos mendazes que vão apodrecer com o corpo material.

— Com tal padrão de pensamento, é inútil querer dividir, fomentar discórdia, tentar empanar a verdade, porque saberemos reagir com amor às dificuldades surgidas na coordenação de providências para expurgar a política mesquinha que tem distanciado os homens do Espírito e das visões sagradas dos Profetas, distribuidas como dádivas celestiais.

Nada, portanto, de adiar para amanhã, o que de bom e puro podemos fazer hoje.

S. Paulo, 943.

↳ Espíritos que se Materializam ↳

The Two Worlds

Por JAMES ORAM

Relato de sessão realizada em Swindon Psychic Research Fellowship, a 19-2-942.

A sessão completa compunha-se de dezoito assistentes, sendo quinze senhoras e três homens.

Duas senhoras examinaram Mrs. Duncan (a médium) antes de entrar no gabinete, e examinaram as limitadas peças de seu vestuário, todas perfeitamente pretas. O aposento era pequeno e os dezoito assistentes enchiam-no completamente, em círculo ao redor da parede, enquanto que Mrs. Duncan se conservava sentada por trás de uma cortina atravessada em um dos ângulos, sôbre cadeira comum. O aposento fôra precisamente examinado e encontrado vazio, excetuando as cadeiras.

Mrs. Duncan, acomodada em seu assento pediu fosse colocada a lâmpada vermelha.

Durante alguns minutos estavam a cantar em surdina, quando falou o guia

de Mrs. Duncan, «Alberto». Alberto explicou que apresentaria os Espíritos visitantes, descrevendo as condições sob que passaram para o mundo espiritual.

Imediatamente êle disse: «Está presente um espírito que durante vários anos antes de morrer sofrera de paralisia nos membros inferiores.» Como minha mãe sofrera de artrite reumática e durante sete anos antes do falecimento não pudera mover-se, eu exclamei: «E' minha mãe?» e Alberto replicou: «Sim, é precisamente ela, chame-a.» Assim fiz, e uma figura envolta em brancas roupas flutuantes, com branco capuz sôbre a cabeça, saiu do gabinete e dirigiu-se a mim. Não obstante estar a figura perfeitamente formada, a luz insuficiente não me permitiu distinguir claramente seus traços. Devo confessar que encontrei grande dificuldade em sustentar a necessária conversação com minha mãe, exceto o declarar-lhe o grande prazer que me causava o seu apare-

cimento. Ela apontou para João, que estava sentado na cadeira à minha esquerda e disse: «Como êle cresceu,» e então diretamente ao mesmo João: «Suponho que agora você está se considerando um homem.» Então para mim: «Vamos ajudá-lo em seus estudos.» Em seguida: «Agora preciso retirar-me», e em resposta ao meu desejo declarado — a sua vinda em futuro próximo — ela disse: «Eu voltarei, e passou para trás das cortinas.

Quasi ao mesmo tempo Alberto anunciou o próximo visitante, para uma senhora colocada do outro lado da sala. O espírito que saiu do gabinete era de mulher moça, falou à sua mãe e ao desaparecer terminou proferindo o nome «Cheerio».

Em seguida Alberto anunciou um cavalheiro que morrera vitimado por moléstia súbita. Não pensei que tão depressa fôsse eu favorecido com outra visita e consequentemente deixei a outrem reconhecer-lo, mas declarando Alberto que não era essa a pessoa a quem se destinava o espírito, eu arrisquei: «E' meu pai?», e Alberto disse, «é esta a pessoa procurada — chame-o para fóra.» Em seguida meu pai saiu do gabinete, precisamente do mesmo modo por que o havia feito minha mãe. A sua conversação foi mais breve que a de minha mãe, mas quando lhe disse que era uma maravilha vê-lo à minha frente, êle disse: «A minha vinda é um grande privilégio.»

A seguir, materializaram-se certo número de espíritos. Um foi descrito — «um rapaz cujo corpo nunca fôra descoberto.» Uma senhora assecurou tratar-se de seu filho Toby, e apareceu um rapaz que claramente mostrou brilhante compleição de adolescente e cabelos muito escuros. Instantes depois materializou-se uma mulher idosa, que provou ser a avó do adolescente e disse: «Eu apresento Toby e êste me trouxe.» O espírito repetiu diversas vezes: «em vida eu apreciava uma chicança de chá,» e sua filha declarou que a expressão lhe era bem característica.

Materializou-se um espírito, irmã de um assistente surdo, mas êste pouco conseguiu apanhar. Com a mão ela lhe *soprou* alguns beijos e desapareceu através do soalho. Depois disto o Guia dirigiu,

em voz alta, algumas observações úteis a Mr. Harrison.

Nessa ocasião Alberto nos disse que se ausentaria por alguns minutos mas enviaria alguém para entreter-nos. Apareceu uma menina chamada «Peggy» que agradeceu com os presentes. Ela declarou que seu desejo era cantar, cântico destinado ao «rapaz de óculos, do outro lado».

«Eu sei o que preferes». Ela cantou algumas estrofes que João detestava. Depois de rir-se, ela disse: «Esta canção te desagrade e pensa — como é ridículo». Toda sua atenção foi dedicada a João.

Alberto voltou e apresentou diversos espíritos, dos quais um era o Guia Indú de uma senhora presente, cuja mediunidade estava em desenvolvimento.

A uma senhora presente, Alberto falou de suas tentativas no sentido de ouvir vozes, com auxílio de certa corneta. Esta foi por êle descrita como sendo feita de celuloide e côr-de-rosa, facto que foi confirmado pela assistente. Êle acrescentou que ia mostrar-lhe uma corneta e, a seguir, afastou as cortinas o que permitiu todos vissem Mrs. Duncan sentada na cadeira com uma corneta ectoplásmica de sessenta centímetros, que se estendia da bôca aos joelhos. Fechadas as cortinas, quis saber a opinião da presidente relativamente à consistência, se rígida ou flexível. Ela respondeu, «rígida». Êle confirmou o conceito, facto que ia demonstrar. Ato contínuo apareceu a corneta por baixo da cortina e diversas vezes bateu no soalho produzindo sons duros, não metálicos mas semelhantes aos produzidos por madeira ou osso.

Ao terminar, Alberto proferiu uma alocução e disse: «A presente conflagração terminará da maneira mais fantástica e inesperada...»

Então disse desejar falar ao menino presente, João, em cujo trabalho estava interessado e o auxiliaria, acrescentando: «Se precisares de ajuda, trata de atingir-me e te ajudarei, e escreve o meu nome em teu livro.» Alberto disse a João: «Deixa que teu pai me fale.» Quando eu falei, êle afirmou que eu me sentia desapontado pelo modo por que desempenhei certo trabalho, dizendo: «Bem, vós obtereis êsse sucesso através do vosso filho.» ...

A Concordância no Ensino

J. B. Chagas

— II —

Sôbre o palpitante tema que vem empolgando, no momento, os arraiais espiritistas, vejamos o que disse um grande vulto, sôbre a obra, cuja reedição reacendeu o fogo de uma velha contenda, já em via de desaparecer das cogitações doutrinárias.

Disse, o grande e inesquecível Bezerra de Menezes, sôbre o empolgante assunto, e cuja opinião deve, ainda hoje, ser levada na devida conta:

— «Não divergem no que é essencial — diz êle — mas sim nos modos de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, nos aparece sob mil fazes relativas — relativas ao nosso gráu de adiantamento intelectual e moral, que um não póde dispensar o outro, como as asas de um passaro não se podem dispensar, para o fim de êle se elevar ás alturas. *Roustaing* confirma o que ensina *Kardec*, porém adianta mais que êste. E', pois, um livro precioso e sagrado o de *Roustaing*; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobressair o trabalho de *Kardec*, de clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo gráu para baixo. Seria obra de meritório valor, dar a sua exposição de princípios relevantíssimos a concisão e clareza que sobram no mestre e que lhe faltam bem sensivelmente». (*GAZETA DE NOTÍCIAS* — 22 de Abril de 1897. Trabalho assinado por Max, pseudônimo usado pelo Dr. Bezerra de Menezes).

Si os espíritos não sabem tudo e não podem, pelas razões apontadas levar-nos pelo caminho da sabedoria a um certo ponto mais elevado do conhecimento; si a obra de *Roustaing*, que é mediúnica, e a qual, no dizer de Bezerra de Menezes, faltam *concisão* e *clareza*, que sobram no Mestre, ela é para ser também aceita a titulo de informação, não podendo invalidar *Kardec*, quando se sabe ainda que a mesma obra foi obtida por intermédio de *um único médium*, e ditada por um único espírito... contrariando flagrantemente aquele preceito evangélico: «do não creiais a todo espí-

rito, mas sabeis antes si êle vem de Deus!».

O MAIS ÚTIL

Ismael Gomes Braga, espírita da velha guarda e grande *procer* esperantista, cuja cultura e saber são por demais conhecidos, não só aquí no Brasil, como no estrangeiro, e até onde suas obras têm chegado, vem trazer-nos também a sua colaboração efficientíssima para a elucidação da velha contenda.

Passemos, então, a palavra ao *Ismael*: «O Evangelho segundo o Espiritismo», de *Allan Kardec*, cuja difusão deve ser por todos os meios aumentada sempre, é o *livro mais útil sôbre o Espiritismo que já se imprimiu no Brasil* (grifámos). Êste maravilhoso trecho é de autoria de *Ismael Gomes Braga*, como acima dissemos, e a quem muito admiramos pelo arrôjo das suas afirmativas e pela fé que nutre na vitória final da língua neutra. Está publicado no «*Reformador*», edição de Junho de 1942, à página 131.

Ora bem. Consideremos, na argumentação que estamos fazendo, que a obra «*O Evangelho Segundo o Espiritismo*», de *Allan Kardec*, é ainda — repitamos com *Ismael*, — «o livro mais útil sôbre o Espiritismo que já se imprimiu no Brasil», cuja difusão é aconselhada por todos os meios; consideremos que a entidade máxima não estuda esta obra nas sessões semanais, vendendo-a apenas pelo órgão competente a Livraria (V. *REFORMADOR*) — n.º de Setembro de 1941 (Relatório da Diretoria), pag. 239; consideremos que a obra que agora foi reeditada e que reviveu o fogo de uma velha contenda quasi extinta no meio espírita, e que por isso seria mais consentânea com a união que deve agrupar todos sob um só estandarte, mais cristão, portanto, não reeditá-la; consideremos, por fim, para encerrarmos esta análise, que à obra em questão *faltam simultâneamente concisão e clareza* — como bem disse Bezerra, não estando escudada, nem se apoiando nas condições estabelecidas por *Allan Kardec*, na introdução do «*Evangelho segundo o Espiritismo*», para que qualquer revelação

dos espíritos seja considerada idônea e insuspeita, perguntemos, por que insistir em difundir uma obra que contraria em todos os pontos aqueles preceitos cardeianos?

E como vimos pelos trechos que estamos transcrevendo, apenas como motivo de argumentação, à obra em *fóco faltam*, na opinião abalisada e insuspeitável de *Bezerra de Menezes*, *sensivelmente concisão e clareza*, e faltar isso numa obra doutrinária, que se apresenta com o caráter de uma nova revelação, é por demais doloroso!

Na obra do Codificador, sobram *concisão e clareza*. Na outra *faltam sensivelmente!*...

O «*Evangelho Segundo o Espiritismo*» é — na opinião de *Ismael Gomes Braga* — «o livro mais útil sôbre o Espiritismo que já se imprimiu no Brasil!» Afirmativa de tal natureza dispensa qualquer comentário.

* * *

Sempre que abordamos assunto dessa magnitude, têmos procurado observar um critério, fazendo tudo o que afirmamos repousar sôbre a base sólida de factos, que podem ser facilmente comprovados, evitando argumentar com hipóteses para não cometermos conceitos levianos.

Embora isso pareça massante ou enfadonho, tem, contudo, a grande vantagem de a todos oferecer os meios de formar de pronto o seu juízo acêrca daquilo que afirmamos, mais pelo desejo da argumentação, do que de depreciar quem quer que seja.

E para corroborar qualquer afirmativa, nada como os factos consumados. Nada como a clareza meridiana da verdade matemática dos números.

Senão vejamos. A supremacia de uma obra sôbre a outra, comprovada nêsse lapso de tempo, não somos nós quem levianamente afirmamos, mas sim quem tem autoridade para o fazer.

A entidade máxima deu a conhecer

em documento idôneo, tornado público através do seu órgão oficial — o REFORMADOR — edição de Setembro de 1941, «ter a Livraria, no período de Julho de 1940 a Junho de 1941, editado e reeditado 278.300 volumes de obras espíritas, que atingiram o valor de Cr.\$ 176.644,40, sendo que no período anterior o total de volumes editados e reeditados foi de 235.600, atingindo o valor total de Cr\$ 150.990,40, tendo havido, portanto, no *quantum* dos volumes, o aumento de 4.700 obras e no valor das mesmas o acréscimo da importância de Cr\$ 25.654,20. De 1931 até agora (Junho de 1941) — diz o documento — editaram-se e reeditaram-se 1.411.400 volumes no valor total de Cr\$ 1.004.287,50! Figuraram dentre essas obras, como sendo as que maior tiragem tiveram o «*Livro dos Espíritos*» e o «*Evangelho Segundo o Espiritismo*» — isto «conforme ha longos anos vem acontecendo, porque só a elas cabe o papel de constituírem a base do conhecimento da terceira Revelação».

Imaginemos, agora, a quanto não montaria aquela cifra se a dita obra, desfrutasse do bafejo oficial.

É si êste livro reveste tal caráter, para que reeditar outros, com o mesmo fim, que não estão credenciados por características que tais?

Portanto, diante da análise fria e por vezes enfadonha que estamos fazendo, temos que concluir com o mestre repetindo: «A garantia única e séria do ensino dos Espíritos, está na concordância existente entre as revelações feitas espontâneamente, e êsse princípio de concordância universal é que garante também a unidade futura do Espiritismo, anulando todas as teorias contraditórias.»

Assim toda obra ou revelação, é bom repetir, que não se apresente revestida dessas credenciais, é tal qual a figueira sêca, de que nos falou o Divino Mestre, que *não dando frutos, nem sombra*, deve ser cortada e lançada ao fogo!...

Nova-Iguassú, Janeiro de 1944.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Praticando o Espiritismo...

Para «Revista Internacional do Espiritismo» — J. Lima

Leão Tolstói, o grande mago do pensamento literário e o mártir cuja apologética doutrinação encerrava todo um mundo de grandeza bíblica, escreve no livro «O TRABALHO», que «o homem que crê na doutrina de Jesus Cristo não deve perguntar quais são os seus deveres positivos, assim como a fonte que brota do solo não pergunta o que deve fazer. Ela rega os campos, a terra, as ervas, as árvores, os passaros, os animais e os homens.»

«As pessoas que conhecem o verdadeiro caminho da vida — prossegue o grande místico russo — assemelham-se, no dizer do Cristo, à fonte de água viva, isto é, à fonte que nasce da terra. Todas as suas ações correm naturalmente como o curso da água, que se espalha por toda parte, apesar dos obstáculos que ela encontra.»

«Assim como uma fonte não pôde perguntar aonde deve levar suas águas — se deve regar em cima, as ervas e as folhas das árvores ou em baixo, as raízes das plantas e das árvores — o homem que conhece a doutrina da verdade não pôde perguntar o que deve fazer antes de tudo, se deve ensinar os homens, defendê-los contra o inimigo, distraí-los, dar-lhes os prazeres da vida, ou socorrer os que morrem á míngua. Uma fonte não se espalha sobre o chão, não enche os lagos e não dessendenta os animais ou as pessoas, antes de humedecer a terra. Semelhantemente, o homem que conhece a doutrina da verdade não pôde contribuir para satisfazer as necessidades menos imperiosas dos homens antes de ter satisfeito a sua primeira necessidade, isto é, depois de ter contribuído para os alimentar, depois de lhes haver evitado a morte que provém da luta contra a miséria. O homem que professa, não por palavras, mas por atos, a doutrina da verdade e do amor, êsse não pôde enganar-se sobre o fim a que deve tender a sua atividade. Jamais, o homem para quem a significação da vida consiste em servir aos outros, poderá enganar-se a ponto de pensar que serve aos que morrem de fome e de frio, redigindo leis, fundindo

canhões, fazendo objetos de luxo, ou tocando violino ou piano».

Uma fonte! Melhor comparação não poderia caber ao cristão que é verdadeiramente cristão, a essa criatura abnegada que esquecendo as próprias necessidades vai em busca das necessidades do semelhante para minorá-las, para suavizá-las, para, com êle, sentir também o peso do sofrimento, tornando a sua vida um magnífico canto de amor, dêsse amor que qualifica e que edifica num ambiente como a terra, repleto de tristezas e vícios, de depravações e de crime!

Qual a fonte que se espalha pela terra sem perguntar para onde se deve dirigir, o cristão verdadeiro, o fiel discípulo de Jesus, sai a espalhar por onde o leve o destino, a semente do conforto, da paz e da fraternidade, sem esperar que outros o venham auxiliar, sem esperar que outros o louvem, sem esperar mesmo qualquer recompensa por parte daquele que protege, porque êle bem sabe que trabalha para si mesmo, para a edificação de seu conforto espiritual, embora não trabalhe apenas com êsse sentimento.

Sem dúvida é belo escrever, falar, prégar, mostrar a verdade aos que de nós se aproximem; é belo e é útil. Porém, mais belo ainda e mais útil, porque implica o próprio sacrifício pessoal, é isso de sair-se ao encontro do necessitado, do irmão que cá, prestando-lhe todo o benefício que do céu, por certo, recebemos. Que recebemos, na obrigação de também distribuir, porque «*muito será pedido a quem muito foi dado*».

E, sem dúvida, segundo o nosso ponto de vista, é essa a mais bela prática da religião, e, dentro do nosso ponto de vista doutrinário, a mais bela prática do Espiritismo, fora mesmo de outro qualquer modo de ação, pois sabe-se, além disso, que todas as ações humanas, todas as religiões, todas as filosofias, todas as ciências, tendem apenas a transformar o Espírito capacitando-o para êsse grande embate da fraternidade, que é o ápice de todas as conquistas espirituais da humanidade. Esta é a verdade afirmada pelos verdadeiros sábios cujas vidas foram um

desfolhar de sofrimentos e trabalhos, por todos os profetas fundadores de todas as religiões.

Um homem, não vale pelo que é, porque, geralmente, o que dá realce e valor a uma entidade ou a uma criatura perante a sociedade dos demais, é o fator dinheiro; vale pelo que faz, pois, que o valor das cousas está na razão direta do seu emprêgo e não já de suas aparências exteriores.

* * *

Muito se têm discutido sobre o mandamento evangélico do «amai-vos uns aos outros» frase que é repetida em todas as prédicas religiosas e mesmo filosóficas, e ela, a-pesar-de muito clara e muito explícita, tem sido interpretada, ou seguida, ao geito de cada qual.

Muitos sistemas, muitas doutrinas, muitas sociedades se hão formado sob o pálio do Cristianismo, executando cada uma a sua parte material de auxílio à pobreza, à orfandade, etc. Na verdade, inúmeras são as obras de assistências gratuitas, mantidas por particulares, por instituições religiosas e pelo governo e grande tem sido o número dos beneficiados, diréto e indireto, amparados por êsse meio. Contudo, devemos reconhecer, por força da observação, que êsse auxílio e êsse trabalho, além de não haver até hoje conseguido sanar ou debelar o mal, isto é, o vício e a miséria, que por muito tempo ainda viverá sobre a terra, apenas tem tomado um caráter superficial, transitório e momentâneo, o que é devido, certamente, à forma burocrática dos regulamentos criados pelas instituições, o que torna cruel e intolerante a vida dos pobres necessitados, alguns mais fracos do espírito que do corpo.

A ação do Espiritismo nêsse particular, tem tomado um caráter profundamente cristão, porque uma organização espírita, em via de regra, procura pautar-se nos puríssimos preceitos evangélicos, sabendo, aliás, dar ao necessitado todas as instruções morais próprias à uma compreensão larga da vida e suas consequências, a par do auxílio carinhoso que naturalmente lhe dispensa.

Contudo não basta!

Uma instituição, por muito nobre e boa que seja, nunca deixará de ser uma instituição, uma prisão de caráter transitório, algo que humilha, que isola e que

aprisiona o infeliz necessitado que a ela recorre.

Fôrça é compreender o imenso sentido da fraternidade e da solidariedade humana, baseados no trabalho individual, no esfôrço de cada um dos que se dizem cristãos, discípulos do Mestre serviçal que ía por toda parte a socorrer o aflito e saciar o faminto, tanto material como espiritual. Cada um de nós tem o dever de, por si mesmo, trabalhar e agir no amparo ao necessitado, implicando diretamente a sua pessoa.

Ser cristão, é, como bem disse Leon Tolstoi, sacrificar-se naquilo que sua compreensão o exige e que sua razão o obriga. Alias, foi o Cristo quem estabeleceu essa obrigação necessária, dizendo que só aquele que tomasse a *sua cruz* e o seguisse, éra digno de ser chamado seu discípulo e habitar o seu reino.

Se cada um dos que se dizem cristãos tomasse a seu cargo o amparo de uma criatura ou de uma família necessitada, dentro mesmo da ressalva que a necessidade do sofrimento impõe ainda à maioria das criaturas humanas, devedoras de dívidas enormes, para o próprio melhoramento delas, na verdade que não necessitaríamos de instituições e de asilos, que é a prova mais cabal da falta de fraternidade e amor dos homens, além da maioria delas só se preocupar em personalizar diretores e contribuintes.

Ha criaturas que se afirmam cristãs e que são *depositárias* de fortunas enormes; que fazem elas dessas fortunas? Gastam-nas apenas em proveito próprio, enquanto que, bem regulamentadas, serviriam essas fortunas para a manutenção não apenas de uma, mas de várias famílias, de muitas criaturas verdadeiramente necessitadas e que sem nenhum meio de vida, curtem dolorosas privações. Mas, geralmente, as pessoas «ricas» preferem, por comodismo próprio, dedicar módica quantia a *qualquer* instituição e ficar tranquilamente em seu palácio, desfrutando a «paz e o confôrto», esquecendo-se que «muito será pèdido a quem muito foi dado».

Outras ainda, embora possuam meios que permitam o sacrifício mínimo de amparar um ou dois orfãos e educá-los para a vida, dêsses coitadinhos que vivem, por aí jogados ás ruas e à perdição, preferem *escrever* simplesmente sobre o assunto, mostrando aos outros o dever que tam-

bém lhes compete, analisando metódicamente e «interessadamente» o problema, ficando inteiramente estranhos à sua solução.

Ora, aqui na terra ninguém viverá só de palavras, de conselhos, de teorias, de prognósticos, mas de meios de subsistência que lhes permitam satisfazer o organismo em primeiro lugar, depois o espírito.

Compreende-se—nós o compreendemos—que a miséria, o vício, o crime, são motivos que devem servir ao nosso próprio adiantamento moral, pois «caminhamos por cima das ruínas», e a experiência que conquistamos dos nossos êrros são de molde a nos transformar em heróis e santos; mas não esqueçamos também, que todas as misérias humanas são simplesmente originadas de nossa indiferença, de vez que muito gostamos de acusar, de injuriar, de afligir, de sobrecarregar os outros, quando nós mesmos pouco nos dedicamos em procurar minorá-los, sacrificando o gostoso confôrto de que gozamos, o qual, quiçá, será a causa também de nossa perdição.

* * *

Ao espírita cabe, por certo, a maior tarefa do trabalho social do «amor ao próximo», pois que todo o *espírita* é forçosamente cristão. Conforme venho me batendo há muito sôbre a necessidade, ou melhor, sôbre a maneira objetiva de se praticar o Espiritismo, que não é apenas fazer e assistir *sessões*, de prègações e manifestações espíritas, o seguidor da doutrina de Allan Kardec deve compreender que sua maior ação se desenvolve no cumprimento dos deveres morais do Cristianismo, hoje tão bem esclarecido pelos livros fundamentais da doutrina. E, conhecendo, como conhecemos, a verdade, os caminhos, a vida, teremos que ser, na feliz comparação de Tolstoi, quais a fonte que brota do solo e sem perguntar nada a ninguém, vai regando os campos, a terra, as ervas, as árvores, os pássaros, os animais, os homens...

Como acima disse, a ação do Espiritismo nêsse particular, tem se desenvolvido com o maior e o mais belo caráter cristão; é, porém, imprescindível que nós, os espíritas, não deixemos tudo a cargo da doutrina na sua gloriosa faina de guiar e amparar, mas que tomemos também do arado e nos metamos a trabalhar com o desassombro e com a compreensão com que êsse mesmo Tolstoi que tomei por ponto de partida para êste despretençioso artigo, o qual, compreendendo a razão e a verdade de uma doutrina que humilde agricultor de sua pátria, houve disseminado, que era essa muito conhecida por nós de que «devemos comer o pão no suor do rosto», pôs-se êle mesmo, o grande fidalgo, o sábio escritor, a lavar o campo e a consertar sapatos velhos, tal como nos diz êste trecho do que «fino letrado escrevia muito recentemente»:

«Os compatriotas de Tolstoi faltam algumas vezes com o respeito devido a êsse grande ancião. Era dêles que nos vinha a lenda de Tolstoi sapateiro. Viamos o grão senhor metido numa tenda, e não sabíamos bem se devíamos lastimá-lo ou admirá-lo. Êle não faz do ofício de sapateiro seu estado; procura simplesmente uma distração, um repouso do cérebro, num exercício normal. Outros jogam as armas, exercitam os pesos; êle tinha horror aos esforços inúteis; julga melhor fazer sapatos».

Nós outros, que gostamos e que muito apreciamos as belas ações, as grandes obras; que louvamos e engrandecemos o sacrifício, não fiquemos só na teoria e na apreciação; movamô-nos; desprendamo-nos da ociosidade e corramos também em socorro do próximo, com o nosso dinheiro, com o nosso pão, com a nossa palavra e não fiquemos envergonhados de o assim fazer, porque sómente as más ações podem envergonhar, enquanto que as boas engrandecem e elevam o homem.

S. Paulo, Janeiro de 1944.

«Sou a tua irmã invisível; sou a tua alma divina, e êste é o livro de tua vida. Encerra as páginas escritas das tuas existências passadas e as páginas em branco das tuas vidas futuras».

(O LIVRO DOS MORTOS — Ritual fúnebre dos Egípcios).

Relance Filosófico

Materialismo — Positivismo — Espiritualismo

De «Além» — Pôrto — Portugal

Pelo Dr. ANTONIO J. FREIRE

E' dum evidência flagrante, que só podemos marcar a linha de conduta da humanidade, e definir as melhores atitudes sociais, depois de determinada, pela ciência e pela filosofia, a finalidade humana.

Sem pretendermos fazer uma profunda investigação filosófica, nem tão pouco erudição científica, analisaremos em rápido exame, o que de melhor e mais definido nos oferece o pensamento contemporâneo.

Mais ou menos artificialmente, podemos reduzir todas as escolas filosóficas, perante a nossa orientação deísta, às três clássicas: *materialismo*, *positivismo* e *espiritualismo*, tendo as suas raízes básicas no pensamento profundo e brilhante dessa formosa civilização helênica, sendo, a seu turno, o ponto de partida para as inúmeras construções filosóficas que pululam no pensamento contemporâneo, a maior parte delas de duração efêmera e transitória e de organização insubsistente.

*

O materialismo, que fez moda nos dois últimos séculos, agoniza na esquina viva do último reduto da sua fortaleza de descrença, de negação e de ateísmo, batido no ângulo dos seus caboucos mais profundos, pelos golpes implacáveis da neo-psicologia experimental, que nos domínios do dinamismo anímico, faz ressaltar a alma humana das concepções abstratas e metafísicas para o campo da realidade e da observação direta.

Na destrambelhada vesânia de demolição, o materialismo pretendeu fazer incidir na matéria bruta e passiva a causa da Harmonia Universal, desde o macrocosmo ao microcosmo, confundindo a matéria prima com o artífice, a máquina com o maquinista, o efeito com a causa.

Escamotearam Deus, pressupondo que bastaria negá-lo para o suprimir.

Foi o materialismo que mais concorreu para a dissolução e deliquescência moral da sociedade, abrindo de par em par as portas da descrença, precipitando

a humanidade, embriagada pelos falsos princípios dêle, onde estuava a irresponsabilidade moral, para a mais desenfreada bacanal de perversão, egoísmo e prepotência, proclamando fratricidamente o direito soberano do mais forte na luta pela vida, impelindo a alma humana para o descabro do sentimento e da consciência moral, subvertendo os princípios da fraternidade social.

No campo científico manejou com a inversão do efeito em causa, restringindo o campo de investigação científica, despedaçando a orientação filosófica que deve presidir a todas as investigações das forças naturais, legando-nos uma ciência tecida de utilitarismo e de incoerências monstruosas, sem alma, sem espírito, sem base filosófica e sem finalidade.

A crítica histórica, implacável e justiceira, saberá determinar se os efeitos deletérios do materialismo foram mais perniciosos no campo científico, se no campo moral e social.

*

O positivismo, que A. Comte incongruentemente arquitetou, é o sistema mais anti-filosófico, que um grande talento podia ter concebido.

Foi, na realidade, o triunfo retumbante e lógico da observação e da experiência sobre a rotineira, carcomida e esterilizante especulação da escolástica e da metafísica. Foi, indiscutivelmente, uma grande obra de saneamento e de renovação, varrendo o caruncho da ciência de sacristia, insuflando-lhe uma lufada de ar ricamente oxigenado, limpando-a do bolor basiento que a immobilizava, inoculando-lhe alento e novas forças de expansão e de progresso.

O gênio que palpita na sua concepção, sendo a gênese e o motor das grandes descobertas da última metade do século passado, ainda assim não contrabalança a degradação moral que levou aos espíritos, cortando cerce o estudo das causas primárias, limitando-se ao estudo ex-

perimental dos fenômenos materiais e dedução das suas leis.

O positivismo dominou a matéria e endeusou o homem, votando ao ostracismo Deus e a alma humana. Era pois, conseqüente que, dentro das suas análises confinadas a um critério sistemático e exclusivista, adstrito à matéria, irreduzível ao espírito, não pudesse surgir a admirável síntese do Universo, a divina Fôrça da criação, a suprema Energia espiritual.

O positivismo entrou, assim o *élan* filosófico no seu mais alto significado e finalidade — o mecanismo das essências espirituais — porque delas e só delas se podem deduzir as realidades e utilidades que devem orientar as atitudes morais e intelectuais da humanidade.

As linhas de conduta social são corolários da finalidade humana. Comte não deu finalidade filosófica ao seu sistema. Na sua obra monumental, tanto encontramos cintilações geniais, como degradante cobardia, rendendo-se aos falsos preconceitos materialistas reinantes e a outros prejuizos da época, donde derivou ao lado dum progresso material e mercantil extraordinário, um retrocesso moral, num desequilíbrio cruciante, no estendal de miséria, de ódios e de paixões em que nos debatemos. Comte foi grande pelo cérebro, e pequeno pelo coração; instruiu, mas não soube educar. Votando Deus ao ostracismo e fazendo da alma humana um mito sem valor algum, despertou os instintos ancestrais da animalidade, transformando os homens em feras humanas, onde só domina a ferocidade expressa nos interesses materiais e o direito do mais forte ou do mais astuto. A sua escola ruirá aos golpes do neo-criticismo filosófico, de dia para dia mais acentuadamente espiritualista, quer nos domínios da neo-biologia, quer nos vastos e complexos problemas metapsíquicos que, subindo aos mais misteriosos refólhos da alma humana, em breve hão-de inundar de luz e claridade as maiores incógnitas que têm agitado o pensamento filosófico.

Rochas d'Aiglun, Baraduc, Lefranc, Lancelin e muitos outros experimentadores e psicólogos eminentes, já lançaram as bases da anatomia e fisiologia da alma humana, fazendo-a descer das concepções abstratas e imateriais à realidade objetiva da análise e da observação. Será a ciência do presente século, como vaticinaram Rochas e Flamarion.

É preciso descobrir o oculto, diz o eminente professor Grasset, e o oculto será descoberto pelo esforço do gênio humano, acionado pela incoercível lei da Evolução Universal.

Augusto Comte, o patriarca do positivismo, limitando a atividade científica à dedução das leis e ao estudo e observação dos fenômenos que vão do bojo dum retorta à ponta dum escalpelo, fez bancarrota no domínio da filosofia e causa comum com os materialistas, transformando o anfiteatro da ciência num balcão dourado, onde só impera o ultrajante utilitarismo mercantil, expresso na vil moeda ou em enfatuada vaidade dogmática, sem orientação filosófica, sem ideal espiritualista, sem freio moral aos baixos instintos sociais, que galopam à desgarrada para um mar de sangue, na ânsia de retaliações e de apetites insaciáveis, num pandemônio sufocante e angustioso.

E' nêsse cataclismo social, que se há-de desenrolar o sinistro epílogo dêste ciclo evolutivo, lógica conseqüência do materialismo e positivismo, para então raiar uma nova aurora de paz, de justiça e de harmonia, que marcará o início de um novo ciclo evolutivo — o *estádio de regeneração*.

*

As religiões, fragmentos das leis divinas, estiveram próximas das Verdades Eternas, tomando Deus para base das suas concepções, e na mecânica das suas construções teológicas tiveram a solução das maiores incógnitas da vida espiritual. Mas os seus interesses e vaidades de mando dos seus dirigentes eram demasiadamente grandes, e tornaram Deus demasiadamente pequeno para os seus olhos ambiciosos.

Deus, no seu infinito amor, na sua suprema justiça, era incompatível com o orgulho, o egoísmo e as ambições de que estavam recheiadas as religiões. Mutilar a sua essência divina, falsificar os seus atributos ao sabor das suas desmarcadas ambições e dos seus insaciáveis interesses, foi a suprema aspiração das grandes religiões, e devemos confessar, que, por vezes, o fizeram com habilidade. Com a mordida do dógma e com o dragão chamejante do inferno, escravizaram a Humanidade e dominaram o mundo inteiro.

Todas as religiões sentem no íntimo da sua consciência quanto têm falseado a essência de Deus ao sacrílego capricho

dos seus interesses temporais, para dominar a Humanidade, conduzindo-a pela arreata do fanatismo ou do terror à suprema aspiração: — o domínio absoluto do mundo inteiro, dos corpos e das almas.

Quasi toda a história se espraia no fluxo e refluxo dos interesses das religiões. As lutas religiosas tomam, por vezes, aspectos dantescos, num turbilhão infernal de massacres sanguinários, canibalescos, de uma selvajaria horripilante, ao grito sacrílego — *para maior glória de Deus* — êsse Deus Infinita bondade, que só dita paz e amor pelos seus mensageiros, êsses grandes instrutores da humanidade, que vão de Buda a Cristo.

A lei implacável do progresso, nas suas ondulações sinuosas, estuante de perfeição, na ânsia insofrida da conquista integral da Verdade, avassala inclemente o passado, para dos seus escombros fazer surgir o presente, risonha esperança do futuro, no rodopiar de cada ciclo evolutivo.

Não é certamente a esta geração, que compete fazer o ativo e o passivo, legado pelas grandes religiões. E' cedo ainda para uma crítica serena e justiceira. Elas prestaram assinalados serviços à civilização, especialmente domando as hordas bárbaras que a avassalaram, e fazendo surgir dessa noite de mil anos de Michelet, dessa idade-média misteriosa e torturante, essa aurora resplandecente de maraviosas claridades, esbatidas em purezas de linhas duma policromia enebriante e encantadora — a Renascença. Mas pequena compensação para o martirologio de dores e de amarguras em que sepultaram o coração humano.

A história de *todas* as grandes religiões espraia-se num tenebroso *mar magnum*, donde emergem tragédias sangrentas

de miséria moral, dramas de dôr e de angústia, em turbilhões de ambição, cobiça e vingança.

A filosofia da história já não é tecida de anedotas descritivas, mais ou menos engraçadas e verídicas, nem de nomes mais ou menos sonoros e gloriosos. Todo o seu substrato é constituído por vastas generalizações, síntese dos períodos históricos na vida evolutiva da Humanidade. O estudo da sua etiologia e mecanismo subiu da concretização simplista, descritiva, às mais altas concepções de síntese psicológica, quasi nas fronteiras da abstração, para assim deduzir suas lógicas conclusões e ensinamentos progressivos.

Religião alguma, tanto no oriente como no ocidente, foi fiel depositária da doutrina do seu fundador na sua pureza, originalidade e real intenção, muito especialmente na lógica e racional interpretação e aplicação dos seus princípios morais. Todas se desviaram da sua finalidade social. Algumas alteraram tão profundamente a essência dos ensinamentos, recebidos, numa orientação diametralmente oposta à que tinha sido prégada pelo seu Fundador e cimentada pelo sangue dos seus mártires e apóstolos, que de uma religião feita de luz e de amor, tecida de caridade e de perdão, bendito sol que deveria iluminar a consciência humana, está reduzida a um pomposo ritual pagão, dogmas abstrusos e discussões bisantinas, vazias de elevados conceitos morais que foram a sua raiz básica e a razão de ser do seu esplendor inicial.

Aguardemos agora que a nova alvorada do Espiritismo inunde, de paz, amor e claridade, a alma humana, dealvando de luz as trevas do ateísmo em que se debate, angustiosamente, a Humanidade, no sorvedouro da dúvida, da incerteza, da negação.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

| | | |
|------------------------|------------------------|------------------------|
| Do 2.º ano Cr.\$ 40,00 | Do 4.º ano Cr.\$ 40,00 | Do 5.º ano Cr.\$ 40,00 |
| Do 6.º ano . . 40,00 | Do 7.º ano . . 40,00 | Do 8.º ano . . 40,00 |
| Do 10.º ano . . 40,00 | Do 11.º ano . . 50,00 | Do 12.º ano . . 50,00 |
| Do 13.º ano . . 50,00 | Do 14.º ano . . 50,00 | Do 15.º ano . . 50,00 |
| Do 16.º ano . . 50,00 | Do 17.º ano . . 50,00 | Do 18.º ano . . 50,00 |

Crônica Estrangeira

Outra vida depois da morte ?

Muito breve a ciência confirmará o facto —
anuncia o sr. Conan Doyle Junior

LONDRES, 14 (De Henry Tosti Russell, correspondente da United Press, especial para «Diários Associados») — Segundo o sr. Adrian Conan Doyle, espiritista, filho do criador de Sherlock Holmes, declarou que as investigações científicas do momento tendem a provar de forma irrecusável a existência de uma vida mais além.

Em entrevista à United Press, disse o sr. Doyle:

«Estou convencido de que não está longe o momento em que a ciência, depois de ter tão frequentemente ridicularizado o espiritismo no passado, nos demonstrará indubitavelmente que existe outra vida após a morte. Quando chegar êsse dia, a afirmação será aceita como um facto científico.

Tenho a certeza de que a ciência, valendo-se dos gigantescos progressos conseguidos com a electricidade, tais como a televisão, e por meio de inúmeros processos ainda secretos, poderá demonstrar dentro de pouco tempo não só a existência de outra vida após a morte, como também a presença dos espíritos neste mundo com formas idênticas ao corpo humano».

Assegurou o sr. Doyle que, frequentemente, se comunica com seu pai e sua mãe, por intermédio de «médiuns» que atuam simplesmente como telefones que unem os seres vivos aos desaparecidos.

Depois de sugerir que o espiritismo deve ser modernizado e rebatizado com o nome de «Ultra-vitalismo», referiu-se à função do «médiun», da qual disse que se tornará antiquada à proporção em que forem desvendados os mistérios que ainda não são suficientemente conhecidos.

Quanto aos fenômenos verificados nas sessões, declarou que os mesmos são verdadeiros e que seu pai sempre lhe disse que era por demais positivo para acreditar nas declarações do «médiun» antes de tê-las comprovado.

Referiu-se então a entrevistas com

«médiuns» desconhecidos, dizendo que estes lhe falaram sobre assuntos absolutamente íntimos, de que nenhum conhecimento tinham, acrescentando que isso não se poderia atribuir a simples coincidência.

Do «Diário da Noite» de 14/1/44.

*

O General French e a Freira materializada

«La Revue Spirite» reproduziu de *La Liberté*:

Foi em Dunkerque, onde o general French havia estabelecido o seu quartel general. As tropas britânicas enchiam a cidade. As religiosas dum convento francês, instaladas na cidade, puseram-se à disposição do general para tratar de enfermos e pensar feridos.

Certa tarde, o general French ordenou à sentinela postada à sua porta, não deixar entrar ninguém. Em seguida, sentou-se à mesa de trabalho e tratou de redigir um relatório sobre a situação do front.

O general escrevia durante longa hora, quando de súbito sentiu que alguém estava de pé por trás de sua cadeira. Voltou-se e percebeu uma religiosa.

— Irmã, exclamou, como entrastes aqui? Que quereis de minha parte?

— General, respondeu a religiosa, perdoai-me por ter vindo aqui. Eu desejava simplesmente dizer-vos que nosso país inteiro vos consagra infinita gratidão. Rogamos que Deus vos proteja e vos conceda a vitória.

— Agradeço-vos, minha Irmã, disse o general levantando-se.

E tendo-lhe estendido a mão, a religiosa se esquivou e saiu.

Durante um instante esperou o general, afim de dar tempo à visitante de deixar a casa. Em seguida chamou a sentinela colocada diante da porta.

— Eu te ordenei que a ninguém deixasses entrar aqui, disse o general, com voz irritada.

— Meu general, respondeu o soldado, nenhuma pessoa entrou.

— Como, ninguém?... Uma reli-

giosa francesa saiu neste momento...

Estupefato, a sentinela arregalou os olhos. O general chamou os homens que guardavam a entrada de sua casa; êles confirmaram as palavras da sentinela — nenhuma religiosa passara pelo portão.

Perturbado, não pôde o general French retomar o trabalho. Êle foi ao convento e chamou a superiora.

— Minha Irmã, lhe disse, profundamente me desgostou o procedimento de uma de vossas religiosas, há poucos instantes...

— Mas, general, nenhuma de nossas freiras se ausentou hoje.

— Permittis que eu veja as religiosas, minha Irmã?

— Perfeitamente, meu general. Eilas justamente a sair da capela, onde acabam de assistir o officio da tarde. Elas oraram por vós, general, como o fazem diariamente.

Duas a duas, saiam da capela as religiosas. O general as encarou, uma após outra. Nenhuma era parecida à visitante.

— Estão aquí todas as religiosas, Irmã?

— Todas, general.

O general quis retirar-se. A Superiora o acompanhava. Ambos transpunham o parlatório do convento.

— Minha Irmã, alí está a religiosa que me visitou há pouco! exclamou o general. E sua mão apontava um grande retrato suspenso à parede. Representava uma religiosa a sorrir dentro dum grande quadro de madeira.

— Ó general, não é possível, repetia a superiora. Êste retrato representa a Madre Superiora, à qual estou substituindo. Ela faleceu dezessete anos atrás.

✱

Fotos de Espíritos

The Two Worlds — E. Oaten

Meu interêsse por fotos espíritas foi despertado em 1896 — quando eu realizava sessões com alguns amigos.

Essas experiências exigem precauções cuidadosas, quando desejamos plena convicção. Mr. Vearncombe, de Brigwater, era um dos médiuns com quem eu experimentava. Era êle fotógrafo profissional, e suas placas sofriam constantes interferências, de maneira a obrigá-lo a

bater repetidamente. Era negócio ruinoso. A sua clientela minguou e êle faliu. Nunca ouvira falar de Espiritismo, até o dia em que mostrou suas chapas *estragadas* a um amigo, o qual lhe fez ver que os efeitos eram de origem psíquica.

Essa explicação não conseguiu abalar seu sentimento anti-espírita. Contudo, descobriu que não manejando diretamente as chapas, mas por meio de tiras de borracha, cessariam as interferências.

Fui procurá-lo, sem aviso prévio, e pedi-lhe tentar uma experiência. Nessa ocasião estava êle de novo exercendo a sua profissão. Êle me estabeleceu preço exatamente idêntico aos de fotografia comum. Levou-me ao seu depósito, que continha muitas duzias de pacotes de chapas para uso de sua profissão. Escolhi um pacote do centro da pilha. Examinei-o, e sozinho fui ao quarto escuro, onde abri o pacote, tirei uma chapa, e carreguei o chassis. Eu já havia marcado a chapa com minhas iniciais, envolvi-a num pano preto e levei-a para o estudio. Alí, eu e o fotógrafo a seguramos entre nossas mãos, como ha i-tualmente.

Em seguida, examinei a câmara — excelente aparelho fotográfico — retirei e limpei as lentes. Depois de focar, carreguei a câmara e fui tomar o meu assento, deixando-lhe o trabalho de fazer a exposição. Com a chapa em meu bolso, fomos à câmara escura — êle misturou os ingredientes químicos e eu revelei a chapa e assistí à fixação. Apareceram *dois* extras.

Quando recebi a prova, um rosto revelava traços familiares, mas não pude identificá-lo. O outro era o de senhora idosa, que também não me foi possível reconhecer. Eu estava absolutamente certo de ter obtido extras genuínos, mas senti-me desapontado por não tê-los reconhecido. O caso varreu-se-me da memória por alguns meses, até o dia em que visitei Glasgow. Ao terminar minha locução, Mrs. Laird descreveu-me um senhor idoso, baixo, barba e bigodes raspados e que tinha uma perna mais curta. Usava certa bengala e respondia ao nome Tom. Tratava-se de meu avô.

«Êle está falando a respeito de uma fotografia de sua irmã que está em vosso poder», disse ela. Eu repliquei: «A senhora quer dizer minha irmã?» «Vêde bem, moço, eu sei o que o espírito diz! Êle diz «sua irmã», e eu não posso fazer alteração.» «Bem, êle se enganou», repli-

quei eu. «Ele nunca teve irmã.» Ao relatar o caso a minha mãe, fiquei sabendo que meu avô tivera uma irmã, que falecera dois anos antes do meu nascimento. Ao mostrar-lhe a fotografia, ela instantaneamente reconheceu o extra. Tratava-se da irmã de meu avô, isto sem a mais leve sugestão de minha parte. Não há retrato dela tirado em vida.

Torna-se claro que excluída está qualquer possibilidade de minha mente ter exercido influência no resultado, visto que minha tia avó morrera antes de eu nascer.



O Pastor, o ladrão e os Espíritos protetores

Este relato foi reproduzido de *War Cry*, jornal espírita australiano, e por nossa vez o incluímos em nossa crônica.

Certo dia um pastor evangélico partiu, através de perigosa e deserta região da Austrália, para exercer seu ministério junto a um enfermo em perigo de vida. Ele viajava tão pobremente, tão desprovido de bens materiais que a viagem pouco risco oferecia, porque os ladrões nada encontrariam capaz de despertar a cobiça. Mas, em seu regresso, ele foi obrigado a conduzir, oculta na sela de seu cavalo, grande importância em dinheiro, pertencente ao moribundo e que deveria ser entregue a um parente residente na cidade. Por qualquer circunstância, um indivíduo soube que o pastor fôra encarregado dessa missão, e o próprio pastor vira esse homem a observá-lo no momento em que se punha a caminho.

Ao atingir certo ponto da viagem, no centro de espessa floresta, o pobre ministro foi assaltado por tão invencível terror que a si mesmo repreendia por não ter suficiente confiança na proteção do Alto. Ele desmontou e para se reconfortar, ajoelhou ao lado da estrada e orou longamente. Quando se achou calmo, montou e sem incidentes chegou à cidade, com o dinheiro que lhe fôra confiado.

Pouco tempo depois, pediram a presença do mesmo pastor junto ao leito de um moribundo. Grande foi o seu assombro ao reconhecer o bandido que lhe infundira tão grande pavor. O homem lhe disse que não podia expirar sem lhe ter confessado que ele o havia seguido com

o propósito de o matar para se apoderar do dinheiro, mas que não pode encontrar ocasião azada. «Mas essa ocasião você a teve, no momento em que desci do cavalo», disse o pastor. «Não», respondeu o ladrão. «E porque? Eu estava só na floresta e muito tempo estive a orar ao lado de minha montaria. Você podia então, matar-me». — «Não me foi possível atacar-vos porque não estaveis só. Durante todo o tempo em que estaveis rezando, vi dois homens que vos ladeavam».

Certamente não havia sêr vivo nas proximidades do pastor, na hora em que ele suplicava a proteção do céu, mas provavelmente presentes estavam Espíritos protetores que sómente se tornaram visíveis ao bandido, impedindo assim a morte do pastor.



Sua mãe lho havia dito

Constancia

Muito benígna era a temperatura de Paris na noite de 10 de Julho de 1836. Apesar da brisa balsâmica, o conhecido escritor Armando Carrel não tinha sonhos a não ser sinistros. Em sonhos viu sua mãe em traje de luto com os olhos inundados de lágrimas.

— Por quem choras, perguntou o escritor.

Sua mãe não respondeu.

— Por meu pai? — insistiu.

A mãe fez sinal negativo com a cabeça.

— Por meu irmão? — tornou a perguntar-lhe.

Novamente um sinal negativo com a cabeça.

— Por quem então?

— Por ti, filho meu — disse suavemente a visão e se desvaneceu.

Dia seguinte, Armando Carrel escreveu um artigo em seu diário «Nacional» que Emilio Girardin achou ofensivo. Houve um pedido de explicações e uma resposta enérgica. Durante a aurora da manhã seguinte um pequeno grupo de homens, e ouviram-se duas detonações: Carrel tombou agonizante.

Este episódio, devidamente documentado, foi referido por J. Jezower em sua obra «O Livro dos Sonhos», publicada em 1928.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou, dia 30 do mês passado, às 20 horas, com o seu salão repleto, uma sessão comemorativa do 6.º aniversário do passamento do nosso amado companheiro, Cairbar Schutel.

Abriu a sessão o nosso companheiro Campêlo, que dissertou sobre a vida e a obra do querido homenageado. A seguir, recitaram poesias referentes ao ato, as seguintes alunas da Aula Evangélica: Carmen Torres, Edna Gonçalves e Manoelita Torres. Usaram da palavra, ato contínuo, os confrades: José Dias, residente em Rio Claro; José Venancio de Freitas Junior, João Leão Pitta e Prof. D. Maria Casanova.

Depois de breve agradecimento a todos os presentes, encerrou a sessão, com uma prece a Jesus, o companheiro Costa Filho.

A Comarca

Esta nossa prezada colega local, competentemente dirigida pelo seu proprietário, o nosso distinto amigo e confrade, sr. Augusto Ferreira, completou no dia 4 do mês passado, o seu XX aniversário.

Comemorando tão grata efemérides, «A Comarca» circulou, dia 2 p. p., com mais páginas, inserindo oportunas e belas colaborações.

A's muitas felicitações que o seu proprietário recebeu pelo auspicioso acontecimento, juntamos as nossas, sinceras e fraternais, almejando à «A Comarca» crescente progresso na senda luminosa de bem servir os mal-nenses.

A Centelha

Comemorou o seu 5.º aniversário, dia 1.º do mês passado, a nossa distinta colega «A Centelha», de propriedade e direção do nosso amigo e

confrade, João Silveira, uma das penas de grande projeção no cenário espírita.

Editada na Capital, «A Centelha», transformada em revista ha pouco tempo, grangeou as simpatias dos espíritas pela orientação segura que lhe imprimiu o seu digno diretor.

A' apreciada colega, ao seu dedicado diretor e auxiliares, as nossas sinceras felicitações.

Escola João Batista

Encerrou suas aulas, com a inauguração de sua exposição de trabalhos de costuras, e numa festa sugestiva, a ESCOLA JOÃO BATISTA, mantida pelo Centro Espírita, FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE, de Nova-Iguassú, na tarde de 2 de Janeiro.

A sessão de encerramento foi presidida pelo diretor da Escola e presidente do centro, prof. Leopoldo Machado, que, proferida a prece de abertura da sessão, falou, primeiro, sobre o valor da instrução, numa verdadeira aula de estímulos e emulação para a criançada. E procedeu-se, a seguir, a entrega dos certificados de exame, dos premios escolares.

A' segunda parte, iniciou-se com «o adeus de despedida» de mestres e alunos, proferido pela profa. D. Albertina Trigueiros. E com uma expressiva página sobre a educação evangélica, que a profa. Ilza Chaves de Almeida leu para seus alunos. Seguiram-se números de declamação, isquetes e canto proferidos por alunos da Escola.

A terceira parte constou do original leilão de prendas entre os próprios alunos. Prendas que são arrematadas a pontos de aplicação e conduta, obtidos e colecionados durante o ano letivo. Foi a mais alegre e efusante das partes festivas, que terminou com farta distribuição de biscoitos e balas com as crianças.

Depois, a inauguração, no salão da biblioteca do Centro, da exposição, que ficará aberta à visita pública até terça-feira última.

Lar de Jesus

E sua Festa da Fraternidade

O mau tempo da semana do Natal, que alterou a festa de 1.º aniversário do LAR DE JESUS, concorreu para outra festa bem mais interessante: A FESTA DA FRATERNIDADE, realizada a 1.º de Janeiro, que, já agora, por muitas razões, será o dia de aniversário do LAR DE JESUS, por ser obra nascida de um movimento de fraternidade espírita e cristã...

Foi uma tarde festiva e cheia de alegria e atrações de toda sorte.

A's 15 horas, o Prefeito Municipal inaugurou a praça pública, que a Prefeitura construiu no terreno doado pelo LAR DE JESUS para tanto, sendo recebido festivamente no LAR, saudando-o de improviso, e à sua comitiva, a Presidente do LAR DE JESUS. Seguiu-se, então, a parte teatral das internadas, repetição do Natal, irradiada ao alto-falante, na varanda do edifício, perante a enorme assistência que a abarrotava. O vendaval que, a seguir, caiu, danificando a ornamentação, não quebrou, felizmente, o ânimo festivo da assistência, que permaneceu na mesma alegria e animação assistindo às outras partes: entrega de mais lembranças-homenagens de afilhadas às madrinhas, e das cadernetas dos «legionários do quilo» a novos inscritos na original campanha. E por último, a caipirada do Zé Peroba, que, feito capataz de freguezia, improvisou um batismo da bonecada toda, para riso de toda gente...

Vale salientar o concurso inestimável dos centros LEGIONÁRIAS DE MARIA e CAMILO FLAMARION, do Meyer, que, incorporados, foram até lá, confraternizar com seus irmãos do LAR DE JESUS.

E, dos números que as internadas representaram, o mais interessante foi a homenagem prestada pelo LAR DE JESUS aos centros confraternizados: cada internada representando um centro, a declamar a contribuição do centro representado para o LAR DE JESUS.

Sua Diretoria, a todos que deram a satisfação de aceder a seu convite e de contribuir, de qualquer modo, para a festa do seu primeiro

aniversário do LAR DE JESUS, hipoteca sua gratidão, dizendo que melhor agradecimento terão do PATRONO da Obra...

A Serviço da Propaganda

Comunicado do nosso companheiro sr. Onofre Batista:

— Em Presidente Prudente, onde temos ótimos companheiros, fiz 5 palestras. Entre êsses companheiros, temos o confrade Virgílio Reis, presidente do Centro Espírita «Poder da Fé» que, devido aos seus atos de humildade e amor, tem conduzido para a fileira espírita pessoas de destaque e de todas as posições sociais.

— Em Ribeirão dos Índios, onde falei, a doutrina vai indo muito bem, notando-se grande entusiasmo entre os espíritas.

— Em Santo Anastácio temos o dedicado confrade João Machado, que está abrindo novas tendas espíritas até as divisas de Mato Grosso.

— Realizei mais palestras nas seguintes cidades: Presidente Wenceslau, Presidente Epitacio, onde usaram da palavra também dois tenentes do Exército; em Porto Tibiriçá, na residência do cap. Carlos José dos Santos.

— Conforme combinei com os dirigentes da Casa de Saúde «Allan Kardec», de Franca, na impossibilidade de assumir novos compromissos, estou autorizado a nomear representantes dessa instituição de caridade nas localidades em que eu passar, no sentido de serem obtidos donativos para a construção de novo pavilhão para obsedados. Tratando-se de uma obra de relevante importância, é de se esperar opôio de todos em geral.

— O Centro Espírita «Amor e Caridade», de Presidente Wenceslau, já está com o terreno pronto e uma parte do material para a construção do seu prédio próprio o que deverá se verificar dentro de pouco tempo. A sua nova diretoria ficou assim constituída: Pres. Antonio Agostinho de Paula; Vice, Fernando Vales; 1.º secr., Arthur Silva; 2.º secr., Carlos Henrique Quintas; tes., Agenor da Silva; Proc. José de Abigailha; Fiscal, Angelo Vales; Zel., José Elias.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho

Redator: Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

| | | | |
|-------------|-------|-------------------------|------------|
| — BRASIL | — Ano | — Assinatura simples | Cr.\$20,00 |
| — BRASIL | — Ano | — Assinatura registrada | 25,00 |
| ESTRANGEIRO | — Ano | — Assinatura simples | 30,00 |
| ESTRANGEIRO | — Ano | — Assinatura registrada | 45,00 |

NUMERO AVULSO CR. \$2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

